

SAPOS E PRINCESAS

RESENHA: VENCATO, Anna Paula. 2013. Sapos e Princesas: prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil. São Paulo: Annablume.

Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego

Mestrando em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Bolsista CAPES



Reprodução da capa do livro resenhado

A leitura da etnografia realizada entre *crossdressers* por Anna Paula Vencato promove ao leitor uma experiência significativa de transporte ao universo dos sujeitos que ela nos apresenta. São detalhes sobre homens que *se vestem* de mulheres, uma experiência *transitória* de posição no gênero diferente ao qual está habituado. Antes de *se montar* são sapos, com a *montagem* – maneira como chamam *estar vestida* de mulher –, são princesas.

Resultado de sua tese de doutoramento defendida em 2009, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, *Sapos e Princesas: prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil*, editado pela Annablume, trata-se de um trabalho importante por situar de maneira não patologizante as experiências de *crossdressings* no nosso país. O livro se divide em cinco capítulos que situam o leitor de maneira detalhada entre os eventos organizados pelas *crossdressers*, e com isso, a análise de seus processos, a visibilidade de suas categorias *nativas* de explicação de suas práticas, e as nuances entre noções de masculino e feminino, corpo e desvio.

Foram três anos de trabalho de campo, de 2007 a 2009 – iniciado de maneira mediada pela Internet no início de 2007 e efetivado face a face no final do mesmo ano –, que Vencato circula por histórias e vivências de *se vestir* do outro gênero entre homens de classe média e classe média alta do contexto São Paulo-Rio de Janeiro, principalmente. A autora se defronta com interlocutores multissituados, reunindo-se em ocasiões para compartilharem e se apoiarem no *se vestir* de mulher. Etnografia que se mostrou de difícil realização, pela dificuldade de acesso inicial.

A autora se defronta com uma série de negociações realizadas pelos sujeitos entre *estar montada* e suas outras instâncias de vida, como trabalho, relações familiares e amorosas etc. Definir essa experiência do *crossdressing* como simplesmente *se vestir* do outro gênero acaba por limitar o entendimento desse fenômeno, como bem nos explica a autora. Para o saber biomédico e psi, teríamos diante de nós uma experiência que representaria um *transtorno de identidade de gênero*. Afinal, desde que John Money (1981) surgiu com a naturalidade do gênero, e Stoller, em certa medida, institucionalizou tal

transtorno, parece difícil, a este saber, pensar em diferentes maneiras de vivenciar o gênero que não seja o aliado à norma geral em vigor. Parece inconcebível a tais entendimentos que um homem possa desejar se vestir de mulher e construir todo um conjunto de esquemas interpretativos que continuem ou não com sua masculinidade quando não estiver *montada*. Parece que a transição, na maioria das vezes transitória, que essa experiência enseja, materializaria uma transfiguração do homem e do masculino que se permite transitar-se pelo feminino e pela mulher.

Anna Paula ultrapassa os limites de como os sujeitos pensam as noções de gênero nessa experiência de *crossdressing* e reflete sobre as sociabilidades em torno de negociações, noções de desvio, hierarquias, diferenças, interferências corporais, vestuário, relações intrafamiliares a partir do *crossdressing*; e, o que descreve com detalhes, a organização, ou o que Simmel (1950) chamaria, a associação de indivíduos com pensamentos em comum, mas diferentes, sendo esse autor muito influente no trabalho de Vencato, inclusive nas entrelinhas.

As *crossdressers* se organizam em grupos secretos para se ajudarem na experiência *se montar* ou *se vestir* de mulher. Nisso, cria-se contornos de lidar com o medo de sair às ruas vestidas de mulheres e a de se reconhecerem enquanto *crossdressers*. Embora o *Brazilian Crossdresser Club* seja conhecido de certo modo, as identidades de seus membros são protegidas, uma vez que nem sempre têm revelado em casa sua prática. E, é através das relações estabelecidas por meio desse Clube que a autora irá realizar sua etnografia situada inicialmente no evento das *Olim...piadas*. Um evento grande que abarca socialidades entre *crossdressers* e *apoiadoras* (*Supportive Opposites, Genetic Girls*) em um hotel afastado do olhar transeunte, que protege e dá liberdade para sentirem o *vestir* e o transitar no gênero feminino.

Esta resenha não me permite maiores delongas. Dentre as muitas contribuições deste livro encontram-se as observações da autora, de base etnográfica, de que as *crossdressers* não constituem um grupo homogêneo, podendo haver vários *crossdressings* – o que é importante para não engessar identidades. Além disso, pontua que não se trata de uma experiência de

indivíduos transtornados ou doentes; e, a principal contribuição que visualizo é a de posicionar as falas desses sujeitos em esquemas de significado e de interpretação da própria vida de maneira legítima. São homens, “são quase mulheres”, estão entre o *montar-se* e o *desmontar-se*. São *princesas* aptas a viverem suas feminilidades, seu prazer, e *sapos* em terem suas práticas em segredo.

Referências Bibliográficas:

MONEY, John. 1981. *Os papéis sexuais*. São Paulo: Brasiliense.

SIMMEL, Georg. 1950. *The Sociology of Georg Simmel*. Translated and Edited by Kurt. H. Wolff. Glencoe, Illinois: The Free Press.

Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego

Mestrando em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Bolsista CAPES

Currículo Lattes

115